

REFLEXÃO ECOCRÍTICA INTRODUTÓRIA DO FILME NOÉ, DE DARREN ARONOFSKY

THAIS RAMM KNUTH¹; PATRÍCIA SOTO VIEIRA²; ALINE COELHO DA SILVA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – thaisknuth@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – patibolo@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra cinematográfica de Darren Aronofsky, *Noé*, a partir da Ecocrítica. Segundo GARRARD (2006), o discurso ecocrítico tende a ser transformador, de modo que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos. Nesse aspecto, “dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura” (2006 p. 16). Por fim, a obra faz um levantamento cultural e literário indispensável para a análise ecocrítica do objeto de estudo em questão.

2. METODOLOGIA

A partir dos encontros do grupo de estudo sobre Ecocrítica, que tiveram início no primeiro semestre de 2015, na Universidade Federal de Pelotas, surgiu a possibilidade de realização desse trabalho sugerido pela professora orientadora Aline Coelho, em uma das reuniões do grupo. Esse trabalho, assim como o grupo de estudo, tem como base, inicialmente, a obra de Greg Garrard, *Ecocrítica* (2006), e tratará de considerar o filme a ser analisado como uma metáfora, causadora de efeitos e/ou “atendendo a determinados interesses sociais” (2006, p.19), vista à luz dos tropos apresentados pelo autor citado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme *Noé*, de Darren Aronofsky, conta a história da família de um dos descendentes de Seth, irmão de Abel e Caim. A primeira cena do filme nos deixa a par do antagonismo entre Noé e sua família, e Tubalcaim e seus seguidores descendentes de Caim. Noé e sua família, aparentemente, são os únicos seres humanos, naquele contexto, que acreditam que os animais são seres puros, que não vieram a terra para serem explorados e servirem o homem, ao contrário do que Tubalcaim acredita. Para ele, o motivo pelo o qual os animais, vistos como seres inferiores, habitam a terra, é unicamente alimentar e servir o ser humano.

Ainda abalado do confronto com alguns dos soldados de Tubalcaim, Noé, através de sonho, recebe uma missão do Criador, a qual ele interpreta como a tarefa de salvar os únicos seres puros de um grande dilúvio que irá acabar com toda a vida na terra, a fim de que esta tenha uma nova chance, longe da crueldade e das imperfeições que o ser humano atingiu.

Decidido a desempenhar sua missão a qualquer custo, Noé constrói uma arca de madeira, sabendo que no final haveria de abrir mão tanto da sua

existência, quanto da vida de sua família. Sem qualquer dúvida sobre sua interpretação do presságio, reconhece as imperfeições inerentes ao ser humano, e tenta convencer sua família de que os únicos merecedores da vida na terra, após o dilúvio, são os animais.

No final do filme, inesperadamente, Noé se rende ao amor pela sua espécie, e se convence de que ele e sua família foram escolhidos para essa missão por serem capazes de sentirem compaixão e amor uns pelos outros, o que seria uma ardilosa nova chance para a perpetuação da espécie humana, a partir da sua empática família, incapaz de matar um ao outro, diferentemente do que aconteceu com os filhos de Eva e Adão.

Analisando a criação de Darren Aronofsky sob a visão dos estudos da ecocrítica observaremos, de forma preliminar, as questões referentes ao tropo da Pastoral, Habitação na Terra e Animais.

Surgida no período helenístico, a partir de Teócrito (c.316-260 a.C), a literatura pastoril clássica inclui toda a tradição pastoril até o século XVIII. Esse gênero é característico por contrastar a cidade, como um lugar corrupto e impessoal, com o campo, sendo este um lugar pacífico e calmo, quase paradisíaco; além da oposição entre um passado idílico e o presente decaído.

É Virgílio (70-19 a.C) que denuncia os primeiros problemas ambientais causados pela civilização, em especial, o desmatamento. De acordo com GARRARD (2006 p.56), “Desde o início, a pastoral usou frequentemente a natureza como uma localização ou como um reflexo das vicissitudes humanas, em vez de sustentar um interesse pela natureza em si e por si”.

Em *Noé*, é retratada essa apropriação dos atributos da natureza por parte de Tubalcaim e seus seguidores, quando estes usam elementos da natureza para forjar armas, e animais a fim de se alimentar, sem nenhuma preocupação com qualquer impacto sobre a terra. Com intuito de por fim a essa atitude, Noé deve deixar que a existência da vida humana sobre a terra chegue ao fim, de modo que o mundo volte ao estágio de criação que precede à origem do homem. Em linhas gerais, a pastoral tem um tom nostálgico tão forte que sempre vai nos remeter ao passado mais remoto, idealizando-o em virtude do momento atual.

Seguindo GERRARD, o autor nos insere a temática sobre a habitação na terra. Logo, o “habitar a terra” implica em residir com responsabilidades e deveres perante a literatura (Bíblia) que profetiza as obras do Criador e interage com os diversos meios prováveis de uma autêntica residência na terra, atribuindo ao livro de Gênesis a responsabilidade de prover e dar continuidade à construção de um mundo ideal onde o homem já contém em sua memória cultural a profetização prejudicial ao meio ambiente a aos animais.

No filme, entretanto, Noé usa desta profetização para dar continuidade ao que o Criador deseja, sem prejudicar o meio em que vive, tendo em consideração toda a forma de dominação, pois se trata de ter o Criador como mandante de seus atos, através de “visões” imprecisas, que devem passar pela interpretação de Noé.

Esta questão é colocada quando a natureza é tida como resposta a ira divina causadora de catástrofes, e é neste capítulo que o autor nos diz que não há uma modalidade de vida prática como realidade imediata da Terra. Podemos perceber que a intenção de Noé pode ser questionada, pois tem como objetivo fazer o ideal para a salvação do planeta, porém é o próprio ser humano que interfere no decorrer da naturalidade que a vida proporciona. Assim, o castigo divino torna-se um aliado e um adversário para explicar todas as diversidades ocorridas no filme e nos dias atuais.

Quando Virgílio enaltece as virtudes dos bons agropecuários ao saber reaproveitar o solo, e absorver da terra os melhores alimentos possíveis, ele os livra das punições do Criador que os maus homens devem sofrer, como afirma GARRARD (2006), assim como Noé livra-se quando decide dar continuidade à espécie humana, desde que os animais sejam virtuosamente perpetuados junto com a sua espécie, enaltecendo suas virtudes mais uma vez, e colocando o homem em primeiro lugar.

Em *Ecocrítica*, também observamos a idealização do homem perfeito para habitar a terra, trazendo a imagem do “indígena ecológico”, enaltecendo as diversas culturas de grupos sociais que sejam capazes de abstrair da terra suas riquezas sem prejudicá-la, o habitante ideal seria então comparado aos povos indígenas que sofreram por serem primitivos, mas logo são reconhecidos como heróis de culturas sintonizadas com a terra e suas criaturas.

No filme *Noé*, os viventes da arca têm, em seu momento de sobrevivência, o necessário para a interação com a natureza, o lugar para fundar esta organização ecocêntrica que desejavam e que, no momento do dilúvio, estava imprópria para a habitação, o que não impediu que a família de Noé fizesse planos para a vida após a arca, de uma maneira primitiva, porém autossustentável.

No que se refere à relação dos seres humanos com os animais no filme, Noé e sua família são os únicos a os considerarem seres puros e sagrados, condenando sua caça e consumo. Já a postura assumida por Tubalcaim é de que o homem é um ser condenado, dominador por natureza, por isso deve fazer o que for para manter sua espécie, o que justifica tirar todo o tipo de proveito sobre os animais, como caçar e alimentar-se deles. Além disso, Tubalcaim tem um posicionamento crítico ao adotado por Noé, indo ao encontro da postura de Mary Midgley em *Animals and Why They Matter* (1983) (apud GARRARD 2006), na qual não dar atenção à sua espécie em relação à outra espécie é um ato desdenhoso.

4. CONCLUSÕES

Na adaptação cinematográfica, o ser humano é apresentado como passível de dois tipos de atitudes referentes à permanência na terra. Uma delas é adotar uma postura em defesa da preservação e da apropriação moderada da natureza, partilhando da ideia de que ela deve se manter em estado de equilíbrio, com a espécie humana fazendo parte desse equilíbrio, como foi concedido pelo Criador. A outra diz respeito à dominação e exploração de todas as fontes disponíveis, pois a lógica é que a natureza está à disposição do homem e este deverá triunfar sobre ela, independente do fato de o ser humano ser capaz de atitudes que abalariam esse equilíbrio natural de forma irreversível.

Tendo em mente essas duas formas de relação com a natureza, cabe ao ser humano a reflexão sobre suas atitudes perante o meio em que vive. Levando em conta o discurso ecocrítico, o tele espectador é capaz de analisar e adotar uma postura crítica em relação às atitudes arraigadas em nossa sociedade, provenientes, majoritariamente, da cultura cristã, bem como refletir sobre seus principais axiomas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

GERRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2006.

Filme

NOÉ. Direção: Darren Aronofsky, Produção: Darren Aronofsky, Scott Franklin, Mary Parent e Arnon Milchan. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014, 1 DVD (138 min). Título original: Noah.